



A religiosidade e sua relação com a Natureza: há diálogo nas pesquisas em Educação Ambiental?

Religiosity and its relationship with Nature: is there dialogue in Environmental Education research?

Aline da Conceição Dias Aranha

IOC/FIOCRUZ lilabiodiaz@gmail.com

Andréa Espinola de Siqueira

DECB/UERJ deiaespinola@gmail.com

Rosane Moreira Silva de Meirelles

IOC/FIOCRUZ; DECB/UERJ rosanemeirelles@gmail.com

GDP1: Pesquisa em EA e Ecologia Política: Pesquisas em Educação Ambiental que dialoguem com temáticas sobre injustiça, conflito, desigualdade e racismo ambiental, território/territorialidade, movimentos sociais, ecologia de saberes, formação em contexto escolar e não escolar, relações de poder e ideologia no discurso ambiental, apontando para convergências com o referencial teórico do campo da Ecologia Política.

Palavras-Chave: *Ecologia de saberes, Ecologia política, Educação ambiental crítica.*

INTRODUÇÃO

Frente à emergência das questões ambientais, muitos estudiosos, educadores, pesquisadores dos mais diversos campos do conhecimento (história, geografia, filosofia, entre outros) vêm recorrendo ao conceito de ambiente para buscar uma abordagem que permita explicitar como o ser humano se colocou nesta situação atual (e, de certo, o sabemos) e o que podemos fazer para mudá-la (acreditando que podemos fazê-lo). Leff (2015, p. 385) já havia apontado que o ambiente aparece no debate político e científico “como um conceito que ressignifica nossa concepção do mundo, do desenvolvimento, da relação da sociedade com a natureza”, considerando o campo ambiental como atributo que atravessa todos os outros campos, como agente transformador e que se transforma; como uma perspectiva holística que visa restabelecer as partes de um panorama mais complexo. Isso converge para uma “ambientalização” de práticas profissionais, ações na sociedade e até mesmo disciplinas científicas (Leff, 2015).

Algumas áreas do conhecimento já eram consideradas naturalmente detentoras do “direito” de falar sobre o ambiente, como é o caso das ciências naturais, mas era necessário ir além dos conceitos puramente biológicos para compreender a complexidade e diversidade de organismos e suas relações no planeta Terra. Dentro dessa narrativa, nasceu a chamada ecologia política que, de acordo com Leff (2013), foi construída a partir da união entre a geografia humana, a ecologia cultural e a etnobiologia, visando aludir às relações de poder associadas ao modo como o ser humano interfere no ambiente. Como boa parte das disciplinas e campos do conhecimento que visam investigar os diversos aspectos da questão



ambiental e seus conflitos sociais, a ecologia política surgiu entre as décadas de 1960-1970, motivada pela incursão da crise ambiental contou com os trabalhos de Murray Bookchin, Eric Wolf, Hans Magnus Enzensberger e André Gorz (Leff, 2013).

Assim, de acordo com Leff (2021) a ecologia política é uma área do conhecimento com viés político que engloba diversas maneiras de entender e estruturar a vida em si, do embate entre os diferentes entendimentos sobre como a sociedade se apropria da natureza, no funcionamento da biosfera e na criação de um futuro sustentável. Para alcançar esse futuro, é preciso se desfazer das teorias e práticas construídas com base na racionalidade científica, tecnológica, econômica e política, que se alastrou na realidade das diversas populações mundo afora, buscando novas maneiras de se relacionar com as questões socioambientais. Entretanto, não basta apenas a ecologia política como campo teórico para alcançar esse objetivo, mas também as ações emancipatórias dos povos comprometidos com as lutas pela reivindicação da natureza e por uma nova concepção de suas territorialidades (Leff, 2021). Em suma, como afirmam Loureiro e Layrargues (2013, p. 56), a ecologia política “focaliza a atenção nos modos pelos quais agentes sociais, nos processos econômicos, culturais e político-institucionais, disputam e compartilham recursos naturais e ambientais e em qual contexto ecológico tais relações se estabelecem”. A cerca de como a sociedade estrutura seus modos de viver, de acordo com os ditames do capital, Boff (2005) afirma que

A cultura do capital, hoje imperante no mundo, elaborou métodos próprios de construção coletiva da subjetividade humana. Na verdade, os sistemas, também os religiosos e ideológicos, somente se mantêm porque conseguem penetrar na mente das pessoas e construí-las por dentro. O sistema do capital e do mercado conseguiu penetrar em todos os poros da subjetividade pessoal e coletiva, logrou determinar o modo de viver, de elaborar as emoções, de relacionar-se com os outros, com o amor e a amizade, com a vida e com a morte. Assim se divulga subjetivamente o sentimento de que a vida não tem sentido se não vier dotada de símbolos de posse e de status, como um certo nível de consumo de bens, a posse de certos aparelhos eletrônicos, de carros, de certos objetos de arte, de moradia em locais de prestígio (p. 89).

Pensando nos modos de como a sociedade, em geral, se apropria da natureza, os povos tradicionais, historicamente, têm-se destacado por uma relação intrínseca com a natureza. Sobre essa relação, como destacam Guimarães e Medeiros (2016, p. 55) falando sobre as especificidades dos povos indígenas e seus modos de conviver com a natureza, para estes povos “é antes de tudo uma rede de interações entre humanos com não-humanos, o que significa dizer que existe uma interação permanente dos humanos com a natureza, numa relação de respeito e interdependência”. Essa relação de interdependência e respeito, em algumas culturas tradicionais, expande o universo do natural para além de modos de subsistência humanos, atrelando sua importância aos domínios espirituais e religiosos.



Sobre questões religiosas e religiosidade, é importante destacar a pluralidade do termo “religião” e que este não detém um significado único, mas considera a diversidade dos fenômenos que são habitualmente chamados de religiosos (Silva, 2004). A influência que a religiosidade exerce na vida dos seres humanos é amplamente reconhecida, sendo este aspecto foco de inúmeras pesquisas relacionadas à saúde (Mello e Oliveira, 2013; Andrade *et al.*, 2015), apresentando práticas religiosas, sobretudo as tradicionais como auxiliares na recuperação da saúde (com o uso de plantas medicinais, por exemplo). Desse modo, considerando a inegável influência dos fenômenos religiosos na sociedade, os saberes oriundos de práticas religiosas, sobretudo os modos tradicionais de apropriação da natureza, podem ser relevantes na promoção de práticas que mais nos aproximam da natureza, de modo cooperativo e não de dominação. Pensando nisso, como já nos advertia Chassot (2003) ao considerar a existência de diversos saberes, é preciso destacar a necessidade de se pensar como fazer do saber popular o saber escolar, visando um ensino que discuta práticas integrativas, contemplando aspectos históricos, ambientais, atitudes éticas e políticas, buscando saberes populares e aspectos das etnociências.

Consideramos, nesta pesquisa, saberes oriundos de fenômenos religiosos como pertencentes ao campo da ecologia de saberes, destacando a importância de se considerar os múltiplos saberes, sem que obrigatoriamente, um domine sobre o outro. Nesse aspecto, Moraes (2021) afirma que:

Assim, a ecologia de saberes, ao se referir à existência de conhecimentos plurais, destaca a necessidade do diálogo entre os saberes científicos e humanísticos, entre os saberes acadêmicos e os saberes populares provenientes de outras culturas e a importância de se confrontar o conhecimento científico com outros tipos de conhecimento. Isto requer a abertura a um novo tipo de diálogo e o estabelecimento de uma nova aliança de solidariedade entre os seres, entre os povos, entre o ser humano e a natureza (p. 73).

Pensando em promover esse diálogo, buscando proximidades com a ecologia política, com a relação dos processos religiosos no modo de ver e lidar com a natureza através da ecologia de saberes, temos como ponto de partida a Educação Ambiental crítica, que, dentre outros aspectos, considera o ser humano como agente criador, que, atuando no mundo, transforma a realidade e assim, cria cultura. Desse modo, para a Educação Ambiental Crítica, concepções simbólicas não estão desassociadas das múltiplas realidades do cotidiano (Loureiro, 2015), que, muitas vezes, é permeado por influências religiosas. Em relação a estas influências, é relevante pensar que:

... o modo como damos significado ao senso de pertencimento à natureza, como nos comportamos, bem como os efeitos da nossa espécie na dinâmica ecológica, não é uma escolha exclusivamente individual, como se fosse à manifestação de uma essência pronta e prévia à existência, independente da cultura e da relação espaço-tempo. É uma escolha complexa, individual/coletiva, subjetiva/objetiva, material/simbólica, que se estabelece dentro de condições históricas e que, conseqüentemente,



depende da intencionalidade, das motivações, dos desejos, do grupo social a que se pertence, da estrutura econômica e do conhecimento disponibilizado, enfim, do tipo de sociedade em que vivemos (Loureiro, 2007, p. 161).

Portanto, visando alcançar perspectivas sobre o ambiente e relações com a natureza que diferem da relação de dominação e exploração impostas pelo modelo capitalista (Loureiro, 2015), acreditamos na importância do diálogo com fenômenos religiosos, buscando uma aproximação entre diferentes crenças e saberes, para promover a aproximação entre seres humanos e a natureza, utilizando aspectos cotidianos que lhes são importantes e que podem, até mesmo, influenciar suas escolhas. Pensando na importância desse diálogo entre saberes, se faz necessário compreender como ele vem sendo realizado, através de pesquisas científicas publicadas, no campo da Educação Ambiental, para compreender suas potencialidades, lacunas e desafios.

Frente ao que foi exposto, o presente artigo tem como objetivo analisar as pesquisas em Educação Ambiental e saberes religiosos nas revistas brasileiras de Educação Ambiental, buscando conhecer as possibilidades de diálogo entre esses saberes e aproximações para uma relação mais intrínseca com a natureza.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa aqui apresentada tem abordagem qualitativa de cunho exploratório (Gil, 2002, p. 41). Foi realizado um levantamento na Plataforma Sucupira, que abriga revistas avaliadas pelo sistema Qualis Capes (último quadriênio 2017-2020), de revistas brasileiras *online* que publicaram artigos relacionados à Educação Ambiental. A busca considerou revistas que apresentavam o termo “Educação Ambiental” no título e que foram avaliadas entre os estratos Qualis A e B de avaliação, de periódicos científicos. Sobre o estrato Qualis da revista, levou-se em consideração, nesse quesito, a citação do valor de avaliação fornecida pela própria revista. Nos endereços eletrônicos das referidas revistas, foi feita a pesquisa no banco de dados, a partir de um recorte temporal de dez anos (publicações entre os anos 2014-2024) e utilizando as palavras-chave “Religião”, “Religioso(a)” e “Religiosidade”. Utilizou-se esse critério nas palavras-chave com o intuito de refinar a busca de artigos que abordassem o conceito de religião, associado a instituições religiosas propriamente, do que o conceito de espiritualidade, mais amplo e com uma abordagem mais subjetiva.

Foram considerados para o *corpus* da análise artigos que apresentavam uma ou ambas as palavras-chave aqui determinadas não apenas no título ou resumo, mas também no corpo do texto. Embora não seja critério de exclusão para o artigo, a presença das palavras-chave supracitadas no título do artigo indica uma maior inclinação do mesmo para a temática pretendida.

Os dados obtidos através do levantamento bibliográfico foram sistematizados e analisados conforme a tematização proposta por Fontoura (2011), que propõe algumas etapas para a exploração dos dados, são elas: a leitura atenta dos dados

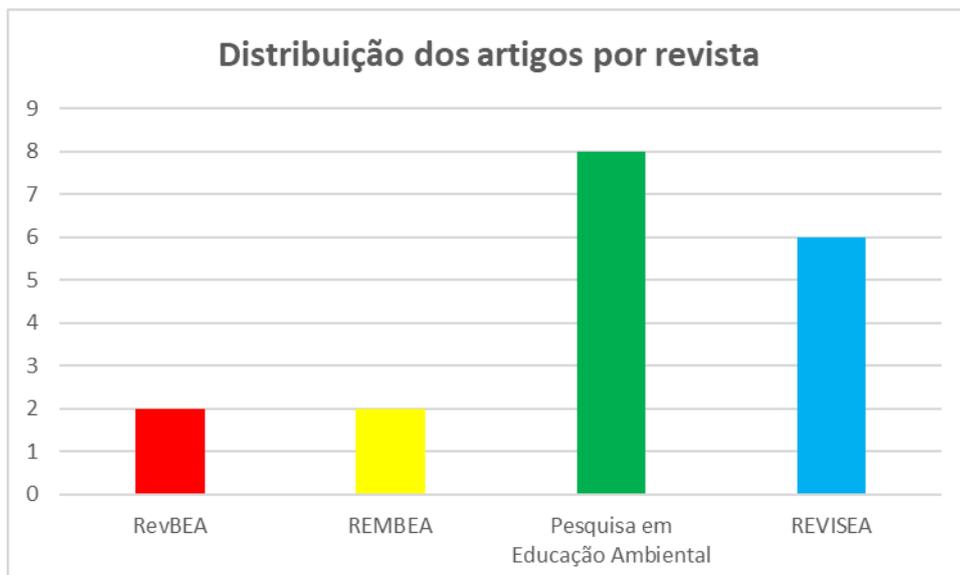


coletados; separação, no que foi lido, daquilo que é relevante, categorizando essas informações em unidades de registro; agrupamento dos dados em temas, destacando algum ponto nas informações levantadas onde seja possível encontrar esse tema; definição das unidades de contexto (são trechos mais longos nas informações e unidades de significados, que são palavras ou expressões). Os dados obtidos e analisados serão pontuados no tópico a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando os critérios apresentados no percurso metodológico, foram levantadas quatro revistas de Educação Ambiental, a saber: Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA), Pesquisa em Educação Ambiental e Revista Sergipana de Educação Ambiental (REVERSEA). A avaliação Qualis Capes das revistas encontradas foi A4, A3, A3 e B1, respectivamente, não sendo encontrada nenhuma revista do estrato A1 ou A2, considerados avaliações de excelência. Foram encontrados 25 artigos no levantamento realizado, a partir das quatro revistas eletrônicas selecionadas. Dentre estes, sete artigos não mencionavam o assunto pesquisado no texto, apesar de incluir pelo menos umas das palavras-chave utilizadas como critério. Desse modo, fizeram parte do *corpus* da análise apenas 18 do total de artigos encontrados. Dentre os 18 artigos analisados, dois eram da RevBEA (Qualis A4), dois da REMEA (Qualis A3), oito da Pesquisa em Educação Ambiental (Qualis A3) e seis da REVERSEA (Qualis B1). O Gráfico 1, abaixo, explicita a distribuição do quantitativo de artigos encontrados nas revistas mencionadas.

Gráfico 1: Quantitativo de artigos encontrados em cada revista pesquisada



Sobre os estratos de avaliação Qualis Capes das revistas encontradas, Profice (2016), em seu artigo que buscou investigar as tendências da pesquisa em



Educação Ambiental, analisando eventos e periódicos da área, apontou que a grande maioria das revistas constavam a partir do estrato B (B1, B2, B3, B4, B5) e uma situação semelhante foi observada na avaliação Qualis dos eventos pesquisados. Vale destacar que, ainda de acordo com a autora, o Brasil apresenta uma gama de pesquisas em Educação Ambiental em periódicos próprios, mas que também são amplamente aceitos em periódicos de outras áreas, o que não foi especificamente o objetivo da presente pesquisa. Desse modo, uma busca em periódicos com abrangência interdisciplinar também poderia apontar um maior número de artigos dentro do recorte temático aqui proposto.

A Revista Pesquisa em Educação Ambiental apresentou o maior quantitativo de artigos analisados dentro do escopo dessa pesquisa (oito artigos no total). Entretanto, a maioria dos artigos apenas mencionavam a religião pontualmente, sem se deter ou explorar os aspectos de alguma delas em sua pesquisa. Já a REVISEA (com seis artigos) apresentou o maior número de pesquisas sobre saberes tradicionais, questões de gênero e étnico-raciais. A RevBEA (com dois artigos) apresentou pesquisas relativas a comunidades tradicionais e etnoconservação. A REMEA (também com dois artigos) apresentou as únicas pesquisas, do total de 18 artigos analisados, que mencionava diretamente nos títulos de seus trabalhos alguma das palavras-chave utilizadas nesta pesquisa ou o nome de uma religião propriamente dita.

Os dados obtidos através da análise dos artigos selecionados e de suas características, emergiram as seguintes categorias: Aspectos Históricos, Aspectos Culturais e Aspectos Sociais. A categoria Aspectos Históricos engloba seis artigos, que mencionam a religião a partir de um viés histórico, resgatando sua influência ao longo dos momentos históricos na sociedade.

A categoria Aspectos Sociais apresenta artigos nos quais a temática dos fenômenos religiosos estava relacionada a denúncia social, protagonismo feminino, racismo religioso, influências na vida social (juntamente com questões de gênero, raça, etc.) e na relação com a natureza.

Já na categoria Aspectos Culturais, tem-se a abordagem dos fenômenos religiosos como objetos da cultura, sobretudo de comunidades tradicionais e nas religiões de matriz africana, como o candomblé, por exemplo. A respeito dessa religião e sua relação com a Educação Ambiental, Botelho (2007) afirma que

A educação ambiental sempre foi praticada pelo povo de santo – seguidores e seguidoras dos orixás. A cosmovisão africana e afro-brasileira identifica os orixás com a natureza, assim é natural que nos candomblés aprenda-se a conservar a natureza tornando cada casa de candomblé um pólo de resistência aos descuidos com o meio ambiente (p. 210).

A relação de proximidade das religiões de matriz africana com a natureza vem sendo alvo de inúmeras pesquisas científicas (Borba, 2018; Gordilho; Mota; Souza, 2018; Pinheiro; Nzanga; Sanchez, 2020), ganhando destaque através da valorização dos saberes tradicionais, que tem campo fértil na luta contra a colonialidade.

Sobre essa perspectiva, de acordo com Candau (2020), estamos impregnados pelos aspectos da colonialidade que estão enraizados em nossas



mentes, individual e coletivamente, nos julgamentos subjetivos que aplicamos a diferentes grupos socioculturais, mas também aos saberes que optamos por valorizar e nossas ações. Sobre como esses aspectos são marcantes nos processos educacionais, a autora ainda afirma que:

reforçam a lógica da colonialidade, promovendo a homogeneização dos sujeitos neles implicados, reconhecendo um único tipo de conhecimento como válido e verdadeiro, aquele produzido a partir do referencial construído pela modernidade europeia. Se não questionarmos o caráter único do que consideramos desenvolvido, moderno, civilizado, verdadeiro, belo, não podemos favorecer processos em que se promova o diálogo intercultural (Candau, 2020, p. 681).

É importante destacar que os artigos selecionados mencionam algum fenômeno religioso ou sua influência na sociedade, mas apenas dois deles (publicados na REMEA) destacam pesquisas sobre a questão ambiental voltadas diretamente para esse viés. Isso aponta para uma escassez no número de pesquisas sobre essa temática, em língua portuguesa. Sobre esse assunto, em uma pesquisa sobre Educação Ambiental e espiritualidade, Nepomuceno (2015) aponta que são poucos os trabalhos sobre espiritualidade relacionados à Educação Ambiental, alegando que sua vertente crítica destaca, de modo correto, a importância dos aspectos político-sociais em sua prática, mas acaba por deixar de lado os aspectos espirituais/sagrados, observados em outras vertentes da Educação Ambiental (conservadora). Embora religiosidade e espiritualidade tenham significados diferentes, e o segundo não tenha sido o foco do presente trabalho, a ideia central é que a dimensão do “sagrado”, tão relevante na busca por sentido na vida dos indivíduos, ainda parece estar distante das pesquisas sobre Educação Ambiental.

Tendo em vista seu compromisso com o processo transformador e emancipatório da Educação Ambiental Crítica (Loureiro, 2007; 2009) na busca por novos modos de compreender o mundo, as ligações desvendadas através dos estudos da religião em relação a natureza em seus diversos aspectos podem contribuir tanto para ponderar sobre o próprio conceito de sagrado, quanto para repensar e compreender esse novo mundo, que será o mundo onde o cuidado com a natureza tem mais relevância (Lemos *et al.*, 2019).

Os aspectos sobre o ambiente abordados nos artigos selecionados se referem, principalmente as temáticas: Educação Ambiental Crítica, educação ambiental popular, etnoconservação, colonialidade (decolonialidade), educação ambiental profunda, questões de gênero (ecofeminismo) e pedagogia freiriana. A grande maioria dos artigos analisados mencionavam alguns dos aspectos e referenciais que embasam a Educação Ambiental Crítica. Isso é relevante, pois indica a possibilidade de uma abordagem ampla de temas diversos dentro das questões ambientais, congregados através da Educação Ambiental. As pesquisas sobre colonialidade, dentre outros aspectos, abrem importante campo de debates sobre as relações de poder consolidadas que definem quais saberes são importantes e quais são inferiores (visão eurocêntrica x saberes dos povos



tradicionais) (Quijano, 2019). As temáticas mencionadas são relevantes também para enriquecer as discussões sobre como, ainda nos dias de hoje, a natureza é vista como algo a ser domesticado, civilizado. Krenak (2022) destaca que, ao declarar que a vida é selvagem, deseja despertar a atenção para o que chama de “potência de existir que tem uma poética esquecida, abandonada pelas escolas que formam os profissionais que perpetuam a lógica de que a civilização é urbana, e tudo que está fora das cidades é bárbaro, primitivo - e a gente pode tacar fogo” (p. 64).

Apesar de reconhecer a importância teórico-prática das demais abordagens sobre as questões ambientais, nos firmamos na Educação Ambiental Crítica como campo de diálogo e de práticas, sobretudo emancipatórias, que busquem lutar contra a exploração e a alienação do capitalismo, pois “toda ação educativa deve ser direcionada para a construção da igualdade e promoção das diversidades” (Loureiro, 2015, p. 167). Considerando um processo que se define como emancipatório, este se dá através das relações sociais formadas a partir da igualdade e da justiça social, considerando as diversidades culturais. Sendo assim,

A prática emancipatória se define pela ação e construção dialógica com o outro e não pelo outro, para usar o outro ou sem o outro; em que este outro se coloca e, de fato, está em condições igualitárias de conhecer, falar, se posicionar, decidir e ter o justo acesso ao patrimônio cultural que a humanidade gerou até aqui (Loureiro, 2007, p. 161).

Assim, é relevante dialogar também com saberes relativos às religiões, visto que se constituem de significado profundo para grande parte da sociedade, e podem contribuir com uma nova maneira de ver o mundo, diferente dos modos destruidores e que visam acumulação do capital. É preciso destacar que todo tipo de saber manifesta-se através das ações de uma dada população, sendo essas ações consideradas científicas ou não. Desse modo, é necessário que os saberes sejam apreciados justamente onde foram elaborados. Ainda vale salientar que a produção e reprodução dos saberes acontece em diferentes espaços, “destaca-se o espaço popular, escolar e religioso, ou seja, um determinado indivíduo aprende, produz e/ou reproduz os mais diversos tipos de saberes nos lugares que frequentamos” (Piano; Chassot, 2023, p. 06).

De modo geral, percebemos que ainda são poucas as pesquisas, publicadas em revistas brasileiras, na temática em Educação Ambiental relativas aos fenômenos religiosos, mas que, em sua grande maioria, as pesquisas observadas destacam saberes de comunidades tradicionais e/ou religiões de matriz africana, o que é um grande passo na valorização de saberes tradicionais historicamente subalternizados. A presença de diversos artigos que pontualmente mencionavam a religião nos indica que, apesar de pouco promover o diálogo entre os saberes, consideram algo intrínseco na sociedade e capaz de influenciar pensamentos e ações, sendo, por isso, de grande relevância a realização de mais estudos que busquem compreender os aspectos religiosos e sua proximidade com a natureza.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos campos do conhecimento que abordam as questões ambientais são relevantes para ampliar o entendimento sobre o ambiente e sobre os diferentes modos dos seres humanos se relacionarem com a natureza. Visto que os fenômenos religiosos fazem parte da vida dos indivíduos, interferindo em seus modos de pensar, agir, se relacionar com o outro e com a natureza, é importante promover diálogos entre os diversos saberes advindos desses grupos.

A partir dos resultados obtidos é possível inferir que poucas pesquisas na área de Educação Ambiental, publicadas em revistas brasileiras, dialogam com as potencialidades dos fenômenos religiosos, sendo poucos os artigos que abordam essa temática e, quando presente, apenas fazem menção pontual, sem se aprofundar em suas diversas perspectivas. Como um aspecto de grande influência na vida das pessoas, a compreensão de cosmovisões e relações de reciprocidade com a natureza que, porventura, estejam contidas em algumas religiões, pode auxiliar na sensibilização dos indivíduos para a urgência de um novo modo de ver e ser no mundo, buscando na relação com a natureza uma conexão profunda, que consiga superar a visão utilitarista e exploradora alimentada pelo modo capitalista.

Buscar uma visão holística, complexa e que considere os diversos aspectos envolvidos na relação de apropriação da natureza pela ser humano é discutido por muitas áreas do conhecimento, mas, para que essa discussão seja efetiva, é preciso considerar a pluralidade dos saberes, para promover uma visão integrada sobre o ambiente e para alcançar os diversos atores sociais, cidadãos e sujeitos, na esperança de que essa relação intrínseca com a natureza possa fazer parte das ações comuns na sociedade.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. *Ética da vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

BORBA, D. M. Florestas: espaço sagrado das religiões de matriz africana. In: *Anais Do XVII Encontro Estadual de História, da ANPUH- SC*, 2018.

BOTELHO, D. Religiosidade afro-brasileira e o meio ambiente. *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola* / [Coordenação: Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber]. – Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007. 248 p.

CANDAU, V. M. Diferenças, Educação Intercultural e Decolonialidade: temas insurgentes. *Revista Espaço do Currículo, [S. l.]*, v. 13, n. Especial, p. 678–686, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54949. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949>.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 89-100, 2003.



FONTOURA, H. A. **Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa.** In: _____ (Org). *Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa.* Niterói: Intertexto, p. 61 -82, 2011.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GORDILHO, H. J. S.; MOTA, R. F. S.; SOUZA, M. R. Fé cega, faca amolada: o diálogo das religiões brasileiras de matriz africana com a ética ambientalista. *NOMOS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC, Fortaleza*, v.38, n.2, jul./dez., 2018, p. 289-305.

KRENAK, A. *Futuro Ancestral.* 1 ed. Companhia das letras. São Paulo, 2022.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.* 2. ed. São Paulo: Vozes, 2015.

_____. *Ecologia política: da desconstrução do capital à territorialização da vida; tradução: Jorge Calvimontes.* - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

LEMONS, C. T.; ANDRADE, C. B.; RICHTER REIMER, I.; CALDEIRA, R. C. RELIGIÃO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS: <i>RELIGARE ET RENATURARE</i>. *Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, Brasil, v. 17, n. 3, p. 5–13, 2019. DOI: 10.18224/cam.v17i3.7875. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7875>.

LOUREIRO, C. F. B. *Educação Ambiental Crítica: contribuições e desafios.* Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber (coord.). *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.* Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

_____. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. *Ambiente & Educação: Revista De Educação Ambiental*, 8(1), 37–54. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/897>

_____; LAYRARGUES, P. P. *Ecologia política, justiça e Educação Ambiental Crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica.* *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-71, jan./abr. 2013.

_____. *Educação Ambiental e Epistemologia Crítica. REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 32(2), 159–176. 2015.

MELLO, M. L. B. C; OLIVEIRA, S. S. *Saúde, religião e cultura: um diálogo a partir das práticas afro-brasileiras.* *Saúde e Sociedade.* São Paulo, v.22, n.4, p.1024-1035, 2013.

MORAES, M. C. *Ecologia dos Saberes. Dicionário: rumo à civilização da religião e ao bem viver / Rosamaria Arnt, Paula Scherre (orgs.).* -- Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021.

NEPOMUCENO, T. C. *Educação ambiental & espiritualidade laica: horizontes de um diálogo iniciático.* 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PIANO, J. E. G. C.; PIANO, C. S.; CHASSOT, A. I. *O amearhar de saberes primevos e suas contribuições para o Ensino de Ciências.* *Revista de Ensino de Ciências e Matemática (REnCiMa)* São Paulo, v. 14, n. 04, p. 1-24, 2023.



PINHEIRO, B. C. S., Nzinga, A., Sanchez, C. (2020). Patrimônio (I)Material e Cultura Afro-Brasileira: Aportes das Lutas Antirracistas à Educação Ambiental Crítica. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 12(32), 209–230. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/745>

PROFICE, C. C. Educação Ambiental – Dilemas e Desafios no Cenário Acadêmico Brasileiro. *REDE - Revista Eletrônica do PRODEMA*, Fortaleza, v. 10, n. 1, abr. 2016.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina *Espacio Abierto*, vol. 28, núm. 1, 2019, -Marzo, pp. 255-301.